



ANA MARIA CAMPOS
camposanamaria5@gmail.com

Desembargador Jair Soares deve ser eleito presidente do TJDF

Divulgação/TRE-DF



O Pleno do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) vai eleger, na próxima terça-feira (24), o novo comando da Corte. Pelo critério da antiguidade, estabelecido pelo Regimento Interno, o desembargador Jair Oliveira Soares, atual presidente do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-DF), será confirmado para suceder o desembargador Waldir Leôncio, no biênio 2026-2028. A posse ocorrerá em 21 de abril.

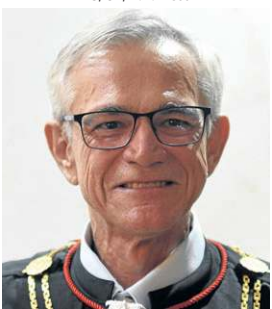
No comando

Além do desembargador Jair Soares, devem ser definidos, respectivamente, como primeiro vice-presidente, segundo vice-presidente e corregedor, respectivamente, os desembargadores Fernando Habibe, Teófilo Caetano e Arnoldo Camanho.

No TRE

Na sessão do Pleno do TJDF, os desembargadores também vão eleger os magistrados que vão compor a direção do TRE-DF para o biênio 2026-2028 e estarão no comando das eleições deste ano. Neste caso, há eleição e o critério da antiguidade não é regra. Um dos cotados para a presidência é o desembargador Angelo Canducci Passarelli. O desembargador João Egmont deve ser vice-presidente e corregedor da Justiça Eleitoral.

ED ALVES/CB/D.A.Press



Kayo Magalhães/CB/D.A.Press



Minervino Júnior/CB



Convocação

O deputado distrital Chico Vigilante (PT) apresentou requerimento de convocação do presidente do BRB, Nelson Antônio de Souza, para que preste informações sobre as medidas adotadas até o momento como solução para prejuízos provocadas pelas operações com o Banco Master e demais instituições associadas. O requerimento precisa ser aprovado pelo plenário da Câmara Legislativa.



À QUEIMA-ROUPA
MARCELO VITORINO, ESTRATEGISTA,
CONSULTOR E PROFESSOR
DE MARKETING POLÍTICO

“Cada vez que Bolsonaro é retratado como vítima de perseguição, seja judicial, seja cultural, seja carnavalesca, o eleitorado dele se mobiliza. É combustível emocional”

A Acadêmicos de Niterói, que homenageou o presidente Lula, ficou em último lugar e foi rebaixada do Grupo Especial no carnaval do Rio de Janeiro. Essa homenagem foi um tiro no pé para a campanha do Lula?

O rebaixamento é técnico. Escola estreante que não aguentou o nível do Grupo Especial. Acontece quase todo ano. Mas em política, o que importa não é o que aconteceu de fato, é o que as pessoas vão lembrar. E o que vão lembrar é: “A escola do Lula ficou em último.” Pronto. Vira piada de grupo de WhatsApp, vira meme, vira argumento de botequim. E argumento de botequim move mais voto do que editorial de jornal. O erro de campanha não está no rebaixamento. Está na exposição voluntária a um evento que o governo não controlava. Em comunicação de crise, a gente ensina uma coisa básica: nunca entre numa sala onde você não sabe quem mais vai estar. A comunicação do Lula entrou na Sapucaí sem saber o que ia encontrar nas alegorias. É amadorismo.

Acha que foi um erro do presidente ir ao sambódromo e aplaudir a escola que humilhou evangélicos e a figura do ex-presidente Jair Bolsonaro?

Pensa comigo: se um prefeito vai inaugurar uma obra e, no meio do evento, alguém sobe no palco e faz um discurso ofendendo metade da cidade, o prefeito paga o preço mesmo que não tenha escrito uma linha daquele discurso. Porque ele estava lá. Porque ele não saiu. Porque a câmera registrou ele sorrindo. Foi exatamente o que aconteceu. Lula não escreveu o enredo, não desenhou as fantasias, não montou os carros alegóricos. Mas estava sentado no camarote quando tudo isso passou na frente dele, em rede nacional. E não se levantou para sair. Se levantou para descer à avenida. Isso muda completamente o enquadramento. O presidente saiu da posição de espectador e se colocou dentro do espetáculo. A partir dali, tudo que a escola fez tem a digital dele.

Divulgação



Em que eleitorado Lula mais perdeu?

Perdeu onde mais precisava ganhar, que é a parte mais grave da história. Um presidente com rejeição na casa dos 54% não pode se dar ao luxo de irritar justamente quem ele precisaria seduzir. O bloco evangélico é o mais óbvio. Representa um quarto do eleitorado e vinha em um processo de distanciamento que o próprio governo reconhecia. Havia um trabalho discreto de reaproximação ao longo de 2025, com gestos calculados, encontros com lideranças moderadas. Meses desse trabalho evaporaram em uma noite. É como alguém que passa seis meses fazendo dieta e, em uma única festa, come tudo que não devia. A diferença é que, na política, não tem segunda-feira para recomençar. Mas o dano mais subestimado é no eleitor que não se define nem de esquerda nem de direita. Esse eleitor assiste de longe e forma opinião pelo conjunto. Ele viu um presidente que, em vez de governar acima da polarização, escolheu se divertir dentro dela. Isso confirma a imagem de um governo que não fala para o país inteiro.

Ganhou em alguma parcela do eleitorado?

Ganhou aplauso de quem ia aplaudir de qualquer forma. E aplauso de convertido não muda resultado de eleição. Se o objetivo era energizar a militância, funcionou. O problema é que energizar militância em fevereiro é como aquecer o motor seis meses antes da corrida. Quando chegar outubro, ninguém vai lembrar do samba. Mas vão lembrar da lata. A assimetria é essa: o ganho é emocional e efêmero. O custo é político e duradouro. A imagem da “família em conserva” vai reaparecer em horário eleitoral, em panfleto, em corte de vídeo. O samba-enredo, não.

Quem ganhou nesse episódio?

Todo mundo que não estava no camarote. A oposição ganhou algo que dinheiro não compra: um símbolo. A “lata de conserva” virou identidade visual de campanha sem que nenhum publicitário precisasse criar. Saiu pronta da avenida. E o mais interessante foi a velocidade da reação. Em menos de um

dia, a direita já tinha se apropriado do insulto e transformado em orgulho. Isso mostra uma máquina de comunicação digital operando em tempo real, enquanto o governo ainda redigia nota jurídica. A bancada evangélica saiu mais coesa do que entrou. Quando um grupo se sente atacado publicamente, a primeira reação é fechar fileiras. O desfile funcionou como fator de unificação para um segmento que tem muitas divisões internas. Ironicamente, a escola de samba fez pela unidade evangélica o que nenhum pastor conseguiu sozinho.

Muita gente que entende de carnaval dizia que a Acadêmicos de Niterói não tinha chance de permanecer no grupo especial. Lula deu munição para a oposição?

Existe um conceito em estratégia militar que se aplica perfeitamente aqui: “Erro não forçado.” É quando você comete o erro sem que o adversário tenha feito nada para provocá-lo. Ninguém obrigou Lula a ir ao sambódromo. Ninguém o forçou a descer à avenida. A oposição não armou essa situação. Recebeu de presente. E o timing é o que mais me chama atenção. Estamos em fevereiro. A campanha eleitoral oficialmente começa em agosto. A oposição, agora, tem seis meses para trabalhar essa imagem, testar variações dela nas redes, medir o impacto, refinar a mensagem. Entregaram a matéria-prima da campanha negativa com meio ano de antecedência. Na minha experiência com campanhas, material desse tipo, visual, emocional, autoexplicativo, é o que mais machuca porque não precisa de legenda. A imagem fala sozinha.

Tratar Bolsonaro como palhaço foi um erro?

É uma armadilha clássica. Você acha que está atacando o adversário, mas está alimentando ele. Cada vez que Bolsonaro é retratado como vítima de perseguição, seja judicial, seja cultural, seja carnavalesca, o eleitorado dele se mobiliza. É combustível emocional. O boneco de palhaço com tornozeleira não enfraquece Bolsonaro. Dá a ele o roteiro que mais funciona: “Estão contra mim porque estou do lado de vocês”. O paralelo mais útil nem é com Trump. É com o próprio Lula nos anos 2000. Quando tentaram ridicularizá-lo como “analfabeto” e “sem diploma”, o efeito foi o contrário: consolidou a identificação com o eleitor que também não tinha diploma. O mecanismo é o mesmo. Ridicularização pública de um líder popular gera identificação por empatia, não rejeição. A comunicação política que funciona não é a que humilha o adversário. É a que torna o adversário irrelevante para a conversa. E ninguém se torna irrelevante quando ganha uma alegoria inteira num desfile de carnaval.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | **ELBER ROCHA** | NEFROLOGISTA DO HOSPITAL SANTA LÚCIA

Doença renal crônica em ascensão

Especialista diz que a doença compromete a função dos rins e que uma das causas está ligada ao uso de anabolizantes

» ARTUR MALDANER*

O médico nefrologista Elber Rocha, coordenador do programa de transplantes de órgãos do Hospital Santa Lúcia, alerta para o crescimento da doença renal crônica, que compromete a função dos rins, na população brasileira, em todas as faixas etárias. Rocha explicou às jornalistas Carmen Souza e Sibeile Negromonte, no CB. Saúde — parceria entre o Correio e a TV Brasília — de ontem, que o aumento dos casos está ligado à maior incidência de hipertensão, diabetes, obesidade e uso sem acompanhamento médico de remédios anti-inflamatórios, suplementos e até anabolizantes.

Frequentemente, afirma-se que o Brasil e o mundo enfrentam uma epidemia silenciosa das doenças renais crônicas. Essa avaliação é correta?

Perfeito. Observamos hoje um aumento na incidência da doença renal crônica em diversos países, incluindo o Brasil. Essa situação ocorre porque temos o crescimento de fatores de risco na população, como a hipertensão, diabetes e a obesidade, que estão diretamente relacionados a essa condição clínica. Outro aspecto é o envelhecimento populacional. O

Brasil atravessa um momento de transição demográfica e está envelhecendo. Atualmente, o número de jovens já é menor do que o de indivíduos na faixa etária adulta e estima-se que, nos próximos 10 anos, cerca de 20% da população terá mais de 60 anos. Esse cenário, portanto, favorece uma maior incidência da doença.

Existe uma estimativa ou uma taxa média do percentual de pessoas afetadas pela doença?

Sim. A estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) é de que cerca de 14% da população, ou seja, um em cada sete adultos, seja portadora de doença renal crônica. É uma taxa considerável e, como você bem pontuou, trata-se de uma condição silenciosa. Portanto, para identificarmos essa condição de forma apropriada, é necessária uma avaliação com exames laboratoriais. O exame mais utilizado é a creatinina, um teste de sangue de baixo custo disponível tanto na rede privada quanto no Sistema Único de Saúde (SUS). Por essas razões que deve-se sempre solicitar ao médico que a função renal seja avaliada. É essencial que esse exame faça parte do check-up.

O senhor mencionou que o envelhecimento populacional é um fator que contribui para

Ed Alves CB/DA Press



o aumento desses casos. Caso uma pessoa esteja envelhecendo, mas não sofra de pressão alta, obesidade ou diabetes, como ela pode evitar a evolução para uma doença renal?

A partir dos 40 anos de idade, ocorre uma perda gradual da capacidade de filtração do sangue pelos rins. Portanto, indivíduos idosos, que são aqueles com mais de 60 anos, devem realizar a avaliação periódica da função renal. Outro aspecto fundamental é evitar a automedicação. Um dos grandes problemas atuais, sobretudo entre os mais jovens, é o uso indiscriminado de anti-inflamatórios ou de outras medicações nefrotóxicas,



Escaneie o QR Code e assista à entrevista completa

muitas vezes sem prescrição médica. Tais substâncias podem causar danos severos aos rins, e, por isso, indivíduos acima de 60 anos devem evitar o uso de anti-inflamatórios.

Existem outros hábitos entre o público mais jovem que têm levado ao comprometimento da função renal?

Temos identificado situações envolvendo o uso de substâncias como anabolizantes, esteróides ou

suplementos em superdoses sem o acompanhamento apropriado de um especialista. Temos observado no consultório indivíduos mais jovens apresentando esse tipo de condição clínica, que tem levado tanto à disfunção renal quanto à disfunção hepática.

O senhor mencionou a creatinina como o exame que detecta problemas renais. Devido à semelhança dos nomes, gostaria de saber se há uma relação com a creatina, substância muito utilizada hoje. Existe algum perigo no seu uso?

A creatina é um suplemento amplamente estudado, com diversos benefícios comprovados, desde a performance cognitiva até o condicionamento físico. No entanto, é necessária cautela. Primeiramente, indivíduos que apresentam disfunção renal grave não devem utilizar esse tipo de suplemento. Em segundo lugar, o uso não deve ocorrer sem acompanhamento profissional, prática que observamos com certa frequência. É fundamental respeitar as doses prescritas, seguindo o limite recomendado de 3 a 6 gramas de creatina por dia. Frequentemente, o paciente enfrenta problemas relacionados à dosagem diária excessiva, que não traz ganhos adicionais, apenas riscos.

E as chamadas canetinhas emagrecedoras, apontadas como revolucionárias e com benefícios que vão além da perda de peso. Como a nefrologia avalia esse cenário?

Esses medicamentos trazem benefícios, desde a perda de peso até a redução do risco cardiovascular e a melhora do desempenho metabólico do paciente. Eles retardam, por exemplo, a evolução da doença hepática relacionada à deposição de gordura no fígado, a esteatose hepática, e traz ganhos para a saúde renal. Os GLP-1 e GIPs, que são essas canetinhas, trazem benefícios de nefroproteção. Contudo, esses indivíduos tendem a apresentar uma maior pensão à desidratação. Isso ocorre porque o paciente naturalmente ingere menos alimentos e, frequentemente, reduz também a ingestão de líquidos por esquecimento. Por isso, para quem faz uso dessas medicações, recomenda-se configurar lembretes ou utilizar aplicativos no celular para garantir a ingestão adequada de água, combatendo a tendência à desidratação causada pelo uso desses fármacos.

***Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado**